

reportagem cultural

Quadrinhos do mundo real

Daniel Sanes *

Apesar de ter nascido em Porto Alegre, Lobo é um cidadão do mundo. Viveu a maior parte de seus 56 anos no Centro do País: a infância e a adolescência em cidades do interior paulista, como Campinas e Botucatu; depois, Santa Catarina (Joinville e Blumenau) e Rio de Janeiro, com “longas passagens” por Curitiba, São Paulo e Belo Horizonte.

A paixão pela leitura foi despertada pelo pai, Ronaldo, um administrador de empresas que levava os filhos todos os sábados para comprar gibi. A cada visita à banca, ele e o irmão mais novo, Adriano, tinham direito a escolher uma revistinha. E assim foi conhecendo a Turma da Mônica, Luluzinha, Tio Patinhas... Da Disney, quem mais o atraía era Zé Carioca – além de o personagem morar na Vila Xurupita, uma típica favela carioca, os traços eram um tanto “esgualapados”, como descreve

Lobo. Só depois ele descobriria que o desenhista era o gaúcho Renato Canini.

De tempos em tempos, a mãe, Vera, pegava as HQs já lidas e levava a uma feira para trocar por “inéditas”. “Ela achava que estava fazendo um super negócio para a gente”, ri. Como ele não queria se desfazer de tudo, passou a esconder os gibis preferidos. Foi assim que começou sua coleção.

Aos 14 anos, viajou para o Rio junto com a avó, para ajudar um tio em reabilitação do alcoolismo. “Ele tinha uma coleção fantástica. Conheci os revistões da RGE (a extinta Rio Gráfica Editora); descobri o Rango, do Edgar Vasques, e Mafalda (do argentino Quino)”, recorda.

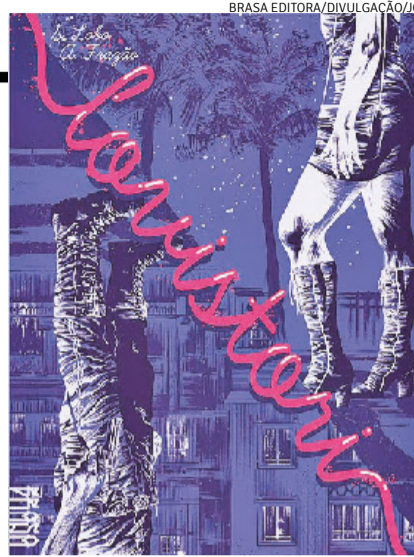
Uma dessas leituras o marcou profundamente: *Vida e morte de Gerhard Shnobble*, da série *The Spirit*, de Will Eisner. A trama foca em um vigia de banco fracassado, que sonha em deixar sua marca no mundo. “Até

então, eu via quadrinhos como muita gente ainda vê: como coisa de criança. Não imaginava que era possível contar uma história como aquela”, afirma.

Curiosamente, Zé Carioca e Gerhard Shnobble têm algo em comum: ambos são, de alguma forma, personagens que vivem à margem da sociedade. Lobo logo percebeu que aquilo o fascinava.

Quando leu a peça teatral *Barrela*, de Plínio Marcos, passou a noite acordado, absorvendo o impacto. O filme *Perdidos da Noite*, estrelado por Jon Voight e Dustin Hoffman, também o tocou. “Aqueles figuras estranhas, degradadas, eram impressionantes demais”, lembra.

O interesse por tipos marginais foi amplificado pelos mestres da literatura russa, como Tchecov, Gógol e Dostoiévski. Mas o verdadeiro choque, que influenciou suas escolhas enquanto roteirista, não viria da ficção, e sim da própria realidade.



ANTONIO MAINIEIRI/DIVULGAÇÃO/JC



Lobo, quadrinista e proprietário da Brasa Editora, começou a coleção escondendo os gibis da mãe

Em *Copacabana* e *Lovistori*, quadrinista abordou temas delicados, como prostituição, preconceito e violência

DESIDERATA/DIVULGAÇÃO/JC



‘Achei minha medida no mundo’

Até os 17 anos, Lobo ‘dava expediente’ de patins em uma praça em Botucatu. Muitas vezes, voltava de madrugada para casa. No Interior, não era problema.

Ao se mudar para o Rio, na década de 1990, resolveu manter a rotina, fazendo caminhadas noturnas em Copacabana. Na cidade grande, porém, tudo parecia mais vívido: havia prostitutas, traficantes, taxistas, garçons, turistas...

Com o tempo, andava cada vez menos e observava mais. “Aquele universo me englobou de tal forma... Embora minha casa nunca tenha sido um ambiente preconceituoso, todo o entorno era. Então, eu tinha todas as opiniões horríveis que os homens costumam ter”, confessa. Aos poucos, começou a ver aquelas pessoas com outros olhos: “Elas estavam tão perdidas quanto eu”.

Certo dia, a pedido da mãe, foi trocar mil dólares em uma casa de câmbio. Guardou o dinheiro na calça e esqueceu completamente. À noite, após uma festa, pegou o ônibus para voltar para casa – porém, como estava um pouco mais ‘alto’, acabou descendo na parada errada.

Ao seguir a pé, sentiu dois sujeitos se aproximando. Lembrou dos dólares, e, no desespero, vagou em direção a um ponto de prostituição. Ao ver a aflição do rapaz, uma travesti encarou os ladrões e desafiou: “Vocês são malucos de assaltar o meu cliente?”.

“Ela tinha várias lâminas de barbear na mão, parecia o Wolverine. Os caras se mandaram”, diverte-se o quadrinista. Lobo agradeceu sua salvadora e questionou porque ela havia se colocado em risco por um desconhecido. A resposta foi desconcertante: “Porque você passa aqui todo dia, a gente mexe contigo e, mesmo assim, você dá boa noite pra gente”.

Aquilo mudou a vida de Lobo. “Achei minha medida no mundo, e quando isso acontece, você começa a fazer sua própria história”, diz, emocionado.

O jovem quis interagir ainda mais com os “estranhos” da praia,

registrando tudo em um caderninho. Primeiro, tentou dar uma de repórter, mas notou que as pessoas inventavam histórias. Decidiu entrar de cabeça naquele mundo: “Eu ficava bebendo e conversando. No dia seguinte, escrevia tudo o que lembrava”.

Das anotações, nasceu *Copacabana* (2009), retrato de um Rio que pouca gente enxergava – ou queria enxergar. O romance gráfico foi ilustrado pelo também gaúcho Odyr Bernardi, que é só elogios ao roteiro.

“Conheço Lobo há algumas décadas, trabalhamos juntos na defunta editora Desidrata. Em *Copacabana*, ele me impressionou por seu ouvido da voz das ruas”, destaca o quadrinista.

Mesmo assim, entende que o fato de o amigo ter ido “para o outro lado da mesa”, como editor, faz todo o sentido. “Ele tem os talentos necessários, com quadrinhos e com pessoas. Lobo é um virtuose do trato humano.”

Em *Lovistori*, o roteirista retorna ao universo de *Copacabana* – desta vez, em parceria com Alcimar Frazão. Novamente, chama atenção a delicadeza com que aborda questões de gênero, racismo e violência e institucional.

Para a professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) Maria Clara Carneiro, essa sensibilidade não surpreende. Assistente de Lobo na editora Barba Negra, ela diz que o ex-chefe sempre foi um editor cuidadoso, sob todos os aspectos.

“Com ele, comecei a entender muita coisa com relação aos quadrinhos que, enquanto leitora, não reparava: o conjunto da página, a relação com o tipo de impressão... São poucas pessoas no meio editorial brasileiro que têm essa percepção”, afirma Maria Clara, que também atua como pesquisadora e tradutora de HQs.

“O Lobo tem um olhar muito atento, além de ser um excelente roteirista. *Copacabana* e *Lovistori*, duas obras que têm histórias de mulheres que trabalham na prostituição, estão entre os meus quadrinhos favoritos.”